

Cê Vai Se Arrepende De Levantar A Mão Pra Mim: A Violência Doméstica Exteriorizada Por Elza Soares Na Canção Maria Da Vila Matilde¹

Alexandre Bezerra de ALMEIDA²

Michele Wadja da Silva FARIAS³

Centro Universitário do Vale do Ipojuca, Unifavip/Devry, Caruaru, PE

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo analisar a violência doméstica retratada na canção “Maria da Vila Matilde”, da cantora brasileira Elza Soares, como ferramenta de protesto através da indústria fonográfica. Trata-se da observação do discurso por meio do conteúdo lírico da música ponderando essa construção em uma perspectiva social, levando em consideração o reflexo do empoderamento feminino nos meios culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Violência doméstica; indústria fonográfica; música; empoderamento feminino; meios culturais.

INTRODUÇÃO

Em 3 de outubro de 2015, Elza Soares lançou um dos mais aclamados álbuns da música brasileira, intitulado “Mulher do Fim do Mundo⁴”, foi o seu trigésimo quarto trabalho, sendo o primeiro com canções inéditas. Teve notas positivas nas críticas do Allmusic, El País, Folha de S. Paulo, Notas Musicais, O Globo e Rolling Stone Brasil. O projeto se concretizou depois da união entre a artista e produtores de São Paulo, como o idealizador do álbum, Guilherme Kastrup e os compositores contemporâneos Douglas Germano, Cacá Machado, Clima, José Miguel Wisnik, entre outros.

Vencedor do Grammy latino de melhor álbum de música brasileira, o disco trouxe uma Elza conceitual e intimidadora, com sua voz singularmente rasgada, expõe suas experiências em um híbrido de samba e rock, numa melodia contemporânea com temas que foram tabus no decorrer da sua carreira. Falar sobre feminismo, sexualidade e violência doméstica de uma forma tão natural pode parecer comum nos dias de hoje, mas durante um longo período isso não era debatido, principalmente entre as mulheres, sobretudo em canções.

¹ Trabalho apresentado IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 29 de junho a 01 de julho de 2017.

² Graduando do Curso de Jornalismo do Unifavip/Devry, email: alexandrebezerra.favip@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Unifavip/Devry, email: michelewadja@gmail.com

⁴ SOARES, Elza. **A Mulher do Fim do Mundo**. São Paulo. Selo Circus. 2015. Faixa 3 (3 min 45).

A música brasileira vem passando por uma reconfiguração na produção feminina. Transcendendo entre gêneros, desde o MPB ao rap, do sertanejo ao pop – as mulheres vêm mostrando uma autonomia nas suas composições, falando dos seus corpos, convicções e criticando sua imagem imposta pela sociedade. Elza fala da violência doméstica no olhar de uma mulher ativa e forte, que não abaixa a voz e denuncia o agressor – adotando uma postura oposta ao retrato social.

De acordo com a Central de Atendimento à Mulher⁵, no primeiro semestre de 2016, 12,23% (67.962) dos atendimentos pelo ligue 180, foram relatos de violência contra a mulher. Entre eles, 51,06% corresponderam à violência física; 31,10%, violência psicológica; 6,51%, violência moral; 4,86%, cárcere privado; 4,30%, violência sexual; 1,93%, violência patrimonial; e 0,24%, tráfico de pessoas. Dados que mostram a recorrência da brutalidade contra as mulheres, – mesmo com esses números, muitas têm receio da exposição por vários motivos: ameaças, medo, etc.

A melodia do *Mulher do Fim do Mundo*⁶ é bastante dinâmica, com instrumentos atuais, mas diferente de tudo que já produziu. Em *Maria da Vila Matilde* é nítido a satirização da violência doméstica representando todas as mulheres que sofrem abuso. Douglas Germano, o compositor da música, contou em uma entrevista⁷ à revista *Rolling Stone Brasil*: “Sou filho de uma Maria. Eu vi essa Maria, minha mãe, apanhar em casa. Era garoto e podia fazer muito pouco além de sentir medo de meu pai e dó de minha mãe. [...] minha mãe soluçava pela casa com hematomas e meu pai saía para trabalhar. Aquilo era como se fosse um segredo nosso. Segredo de família. Achava ruim.” O músico pensou em Elza para interpretar a canção pois viu, ainda criança, Elza “abordar” o assunto quando ninguém falava.

Elza Soares conhece bem o assunto, casou-se aos 12, por vontade de seu pai, teve seu primeiro filho um ano depois e levou sua vida com muita dificuldade – conheceu Garrincha nos anos 60, com o jogador teve um relacionamento conturbado e abusivo, Garrincha era muito conhecido no mundo esportivo, um dos motivos que a fez calar-se na época. Hoje ela assegura seu posicionamento social no meio massivo, cantando sobre sofrimento urbano, morte, transexualidade, narcodpendência e violência doméstica. *Maria da Vila Matilde* traz uma mulher independente e destemida com uma forte representação, nos trechos: *Cadê meu*

⁵ **Central de atendimento e apoio a mulher** oferecido pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, desde 2005. Disque **180**.

⁶ Trigesimo quarto álbum da artista. Possui dois *singles*: "*Maria da Vila Matilde*" lançamento: 11 de agosto de 2015 e "*Luz Vermelha*" lançamento: 10 de setembro de 2015. Disponível no site da gravadora: <http://www.naturamusical.com.br/ouca-mulher-do-fim-do-mundo-novo-disco-da-elza-soares> Acesso:13/04/2017 às 16:11.

⁷ Link da entrevista: <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/elza-soares-brada-contraviolencia-domestica-em-novo-single-ouca/#imagem0> Acesso: 11/04/2017 às 13:24.

celular? Eu vou ligar prum oito zero / Aqui você não entra mais eu digo que não te conheço e jogo água fervendo se você se aventurar / Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim / quando o samango chegar eu mostro o roxo no meu braço, – mostra uma “nova mulher”, fugindo das composições falocêntricas presente na indústria.

Dessa forma, utilizaremos os métodos qualitativos, fenomenológicos e dialéticos, além da pesquisa experimental, empírica e teórica para analisar o discurso de “Maria da Vila Matilde” no contexto musical, aproveitando a pesquisa bibliográfica como ferramenta de orientação dos tópicos que envolve tanto o feminismo na música, quanto a falta dele – fazendo uma busca de teorias que descrevam o reflexo da realidade social nos produtos culturais.

CONTEXTO DA MÚSICA E A REALIDADE SOCIAL

A canção “Maria da Vila Matilde” é uma crítica ácida a violência doméstica contra a mulher no ambiente familiar; com uma sonoridade que mescla samba e rock atrelado a uma composição intensa e direta, utiliza-se uma linguagem simples e inteligível. No prólogo da música, Elza se transforma em uma pessoa destemida, entoando uma mensagem forte sobre as agressões sofrida por Maria, simbolizando todas as mulheres.

A música está presente no trigésimo quarto álbum⁸ da cantora “A mulher do Fim do Mundo”, trabalho que traz um cenário do fim dos tempos, um lugar cheio de violências e sofrimento, cada música fala sobre um martírio diferente, relativo a toda forma de dor envolvendo algumas classes minoritárias e a própria experiência de vida de Elsa Soares.

Antes de falar sobre violência doméstica é preciso compreender a construção da mulher na sociedade, Alves e Pitanguy (1982) afirma que essa concepção se deu a partir de uma conduta social que determina os papéis dos gêneros:

O “masculino e o “feminino” são criações culturais e, como tal, são comportamentos apreendidos através do processo de socialização que condiciona diretamente os sexos para cumprirem funções sociais específicas e diversas. Essa aprendizagem é um processo social. *Aprendemos* a ser homens e mulheres e a aceitar como “naturais” as relações de poder entre os sexos. A menina, assim, aprende a ser doce, obediente, passiva, altruísta, dependente; enquanto o menino aprende a ser agressivo, competitivo, ativo, independente. Como se tais qualidades fossem parte de suas próprias “naturezas”. (ALVES e PITANGUY, 1982, p. 56).

⁸ Primeiro álbum com músicas inéditas da cantora, todos os outros tiveram regravações. A Mulher do Fim do Mundo se concretizou depois da união entre a artista e produtores contemporâneos de São Paulo.

Foi construído e interpretado a postura do homem como dominador e superior, derivado de uma desigualdade entre os gêneros. Isso está enraizado na sociedade de uma forma que se tornou “normal”. A ideia de submissão é complexa no sentido de que o homem controla as atitudes e costumes da mulher, definindo o que é certo ou errado perante a sociedade, diminuindo assim, a liberdade feminina e ratificando a superioridade masculina. A violência doméstica é uma cultura sistematizada através desse processo falocêntrico⁹, que induz o homem a estabelecer um domínio sobre a mulher – tendo as vezes uma reciprocidade, pois esse pensamento não é necessariamente isento ao gênero feminino, – quando imersa nesse contexto, a mulher passa a não ver problema nas coisas como elas são.

Em suas pesquisas, Saffioti (1987) ressalta o poder masculino sobre o corpo objetificado da mulher e como essa postura tem ligação com o processo de socialização:

O caso extremo do uso do poder nas relações homem-mulher pode ser caracterizado pelo estupro. Contrariando a vontade da mulher, o homem mantém com ela relações sexuais, provando, assim, sua capacidade de submeter a outra parte, ou seja, aquela que, segundo a ideologia dominante, não tem direito de desejar, não tem direito de escolha. (SAFFIOTI, 1987, p. 18)

A mulher se expressa e age de forma acanhada para se enquadrar nesses paradigmas, é importante ressaltar que essa realidade é edificada socialmente, através da disparidade constituída historicamente. Em meio a essas constatações, a música Maria da Vila Matilde caracteriza-se em uma óptica feminista cantada por alguém que tem uma proximidade pessoal com a narrativa – contrastando com a mulher criada nesse molde.

ELZA TAMBÉM É MARIA

A escolha da intérprete não foi aleatória, Douglas Germano, compositor da música, pensou em Elza Soares para cantar e retratar a experiência de sua mãe, Maria, moradora da Vila Matilde que viveu um relacionamento abusivo com o pai do autor. A cantora também se enquadra na narração, – nasceu na favela da Moça Bonita¹⁰, em Padre Miguel; mulher, negra e pobre, casou a força aos doze anos com Alaúrdes, de vinte e dois, e pariu um ano depois.

⁹ Termo baseado no princípio que sugere a superioridade masculina, perpetuado através da linguagem.

¹⁰ Hoje se chama de Vila Vintém, fica entre os bairros de Realengo e Padre Miguel, na Zona Oeste da capital fluminense, Rio de Janeiro.

Conheceu o machismo e a violência logo cedo, principalmente com o nascimento do seu primeiro filho, como retrata Louzeiro (1997):

Certa tarde, voltando mais cedo para casa, não encontrou a mulher. Fora soltar pipa e levava o bebê numa cesta de vime. Aconteceu a primeira briga. A segunda, com troca de tapas, ocorreu quando Elza anunciou que trabalharia fora, coisa que o macho da casa não admitia. (LOUZEIRO, 1997, p. 15).

Foi um período difícil, em menos de dois anos viu seu segundo filho morrer de fome, doou um menino que estava muito doente, com vinte era mãe de cinco filhos e posteriormente ficou viúva, aos vinte e um. Alaúdes morreu de pneumoconiose, doença respiratória proveniente de seu intenso trabalho na pedreira onde conheceu Elza.

A cantora teve outro relacionamento conturbado com o jogador Manuel Francisco dos Santos, o Mané Garrincha, onde encarou inúmeros estereótipos envolvendo o romance. O esportista era alcólatra e teve um suporte da esposa por um longo tempo, mesmo sendo agredida muitas vezes; “Mané continuava a agredir Elza, sempre que bebia. A violência é um dos componentes do alcoolismo. Garrincha não foi o único caso”, Louzeiro (1997, p. 222).

Hoje, prestes a completar oitenta anos, Elza Soares se sente mais confortável em falar sobre as agressões e momentos de angústia. Em entrevista ao Domingo Espetacular¹¹, conta que hoje denunciaria Garrincha, mas naquela época era complicado, pois era bastante famoso nacionalmente, e ela apenas uma cantora iniciante, em uma época onde o machismo era muito predominante.

O medo da repressão social é um dos motivos que fazem as mulheres se calarem perante as agressões, Elza era vista como “destruidora de lares” e sofreu retaliação por parte da sociedade. O envolvimento com um jogador também acarretou em constantes ataques machista vindo do meio futebolístico, com o argumento de que esse relacionamento atrapalharia o desempenho em campo.

Sabe-se que a violência masculina contra a mulher, no Brasil, é extremamente alta. Todavia, não se conhecem as cifras correspondentes a este fenômeno, pois ele é amplamente escondido, não denunciado. Com a criação das delegacias especializadas, começa-se a ter idéia da situação alarmante em que vivem as mulheres brasileiras. Milhares delas são espancadas pelos companheiros, em todas as classes sociais. (SAFFIOTI, 1987, p. 80)

¹¹ Programa do grupo televisivo RecordTV, que foi ao ar no dia 15/05/2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KWHoQh0HsBw&t=254s>. Acesso 19/04/2017 às 01:44

Saffioti (1987) expressa bem essa ocultação da violência doméstica e destaca o comportamento amedrontado diante desse cenário. O Brasil é o quinto em taxa de feminicídios no mundo. A criação da Lei Maria da Penha¹² estabelece uma política exclusiva voltada para as mulheres, a fim de preservar seus direitos, oferecer apoio e estimular a denúncia através do 180 – seguindo o exemplo em “Maria da Vila Matilde”.

A canção tenta reproduzir uma mulher aguerrida e independente, é uma forma de elucidar o pensamento da massa através da cultura musical. O debate da violência doméstica é válido quando deparamos com esses números. A denúncia ainda é um tabu, pois está interligado com outras questões, como o machismo, alcoolismo, além da desigualdade, submissão e possessividade.

A MÚSICA COMO PAPEL SOCIAL

A música tem uma grande proximidade com as pessoas, estando atrelado ao cotidiano. As composições, muitas vezes, possuem mensagens ideológicas que expressam o pensamento de uma maioria. Essa construção da realidade é feita em sociedade e é estabelecida em um processo coletivo onde as pessoas criam imagens a partir de um consenso empírico, mesmo com distorção do real.

Os grupos minoritários estão fortalecendo seu posicionamento nos principais meios massivos e através de discursos fortes, vem ressignificando a música.

A consolidação do campo musical popular expressou novas sociabilidades oriundas da urbanização e da industrialização, novas composições demográficas e étnicas, novos valores nacionalistas, novas formas de progresso técnico e novos conflitos sociais, daí resultantes. (NAPOLITANO, 2002, p. 13)

A música “Maria da Vila Matilde” caracteriza uma intensa perspectiva sobre o papel social feminino – alterando o sentido da mulher ideal e idealizada nas músicas de cunho machistas. O que Elza fez, vem se tornando cada vez mais comum, não anulando o fato de que esse manifesto já aconteceu antes, mas é uma problematização que vai além de um modelo restrito.

Isso é mais um passo da incessante busca pela igualdade, um processo longo que emperra em barreiras enraizadas na sociedade. Os estereótipos permanecem de forma

¹² Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. É uma legislação brasileira que garante a proteção das mulheres contra qualquer tipo de violência doméstica, seja física, psicológica, patrimonial ou moral.

agressiva que rotula o comportamento das mulheres (não se limitando apenas a esse gênero). Minayo (2005) descreve essa conduta como uma ação implantada na esfera social:

A concepção do masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como seu objeto é um valor de longa duração da cultura ocidental. Na visão arraigada no patriarcalismo, o masculino é ritualizado como o lugar da ação, da decisão, da chefia da rede de relações familiares e da paternidade como sinônimo de provimento material: é o “impensado” e o “naturalizado” dos valores tradicionais de gênero. Da mesma forma e em consequência, o masculino é investido significativamente com a posição social (naturalizada) de agente do poder da violência, havendo, historicamente, uma relação direta entre as concepções vigentes de masculinidade e o exercício do domínio de pessoas, das guerras e das conquistas. O vocabulário militarista erudito e popular está recheado de expressões machistas, não havendo como separar um de outro. (MINAYO, 2005: 23-24)

A submissão feminina é uma realidade que vem ganhando contestações pelos movimentos feministas, espalhando essas doutrinas no meio fonográfico de modo avassalador e com um público crescente. Uma inclusão das mídias como ferramenta de protesto para alcançar um público maior e propor uma conscientização progressiva que alcance todas as classes. Através da indústria cultural, a cultura é feita para a massa, onde público consome e gera lucro para quem produziu. Esse esquema faz com que as pessoas adquiram os produtos oferecidos – a demanda é enorme, a indústria sempre está produzindo algo novo. Os cantores usam desse fenômeno para vender, e por consequência disso, a sociedade acaba “comprando” a ideologia contida na mercadoria.

Por meio desse mercado, o álbum de Elza Soares ganha uma visibilidade maior, encontrando um público que possa compactuar e entender o conceito do trabalho. A música é uma arte que é entretenimento para muitos, está em todos os lugares, possibilitando um maior alcance e gerando, possivelmente, uma audiência consumidora.

O LIRISMO NO ÁLBUM “A MULHER DO FIM DO MUNDO”

Perto dos oitenta anos, a cantora brasileira do milênio¹³ trouxe um disco de liberdade e sofrimento, assume seu papel como mulher, negra, de origem pobre, e “grita” em canções implacáveis e melódicas sobre morte, sexualidade, feminismo e etc.. Elza nunca deixou de

¹³ Título dado pela rádio BBC de Londres em 1999.

falar sobre racismo, “espevitada¹⁴” como diziam, tornou-se uma intérprete memorável, inspiração de várias pessoas.

O projeto “ A mulher do Fim do mundo” não é apenas um progresso artístico na carreira de Elza, mas também um marco social, na questão de que os movimentos sociais estão sendo discutidos por todas as classes, idades e gêneros. As músicas do álbum transcendem entre assuntos delicados em sons distorcidos, brincando com a melodia, mas vigorando seu posicionamento. Essa mulher do fim dos tempos está cada vez mais incisiva, enfrentando cada canção como se fosse a última, mantendo a voz arranhada que rasgou gerações.

Elza não se abateu depois de todas as adversidades. Chamada de “vadia” e “bruxa” pela sociedade, sendo alvo de agressões por conta de seu relacionamento com garrincha e lidando com várias mortes de entes queridos, a cantora se reinventou a cada trabalho realizado. Hoje seu corpo não é mais o mesmo, sua coluna não a permite andar pelo palco, o que não a impede de proporcionar um espetáculo único e notável. A música que leva o nome do álbum, possui um trecho em que Elza faz apenas um pedido: “Eu vou cantar, me deixem cantar até o fim”.

“Maria da Vila Matilde” não tem uma realidade distante, o discurso de Elza, manifesta um problema preocupante que foi e é visto como natural, acarretando em sérias consequências morais e físicas contra a mulher. Esse espaço alcançado na música é uma tentativa de grupos de movimentos sociais ganharem voz e força na sociedade e terem suas ideologias compreendidas.

CONCLUSÃO

A indústria fonográfica brasileira vem sofrendo uma alteração nos seus produtos culturais, as mulheres vêm assumindo uma posição de destaque sobre a problematização dos estereótipos femininos e usando esse meio massivo para contestar os tabus existentes. Hoje, cantoras de diversos gêneros musicais estão tomando essa discussão como pauta de suas composições, dialogando com os novos debates sociais.

O produto musical reflete a realidade de cada país. Culturalmente, o homem tem um papel dominador dentro da sociedade, músicas com tons machistas sempre existiram – inclusive nos dias atuais – e foram ouvidas por muito tempo como naturais e comuns. A

¹⁴ Termo popular designado a uma pessoa agitada, elétrica.

objetificação do corpo feminino é um dos tópicos mais retratados nessas diversas músicas, a mulher é o grande prêmio cogitado exaustivamente nas composições.

Analisamos esse movimento com ênfase na violência doméstica exteriorizada na canção “Maria da Vila Matilde” de Elza Soares. Um estudo do empoderamento feminino através do trabalho da cantora e a desconstrução da mulher inerte no meio fonográfico. Para isso, propomos diversas pesquisas sobre gênero, música, empoderamento feminino e indústria cultural – para analisar o discurso e a construção ideológica da canção.

Assim como Elza, cantoras com Rita Lee, Cássia Eller, Elis Regina, Zélia Duncan, debatiam sobre autonomia feminina, em composições muitas vezes retraídas, – eram casos raros comparados aos de hoje, mas com uma extrema representatividade. Naquela época, onde a repressão era maior, uma mulher cantar sobre sexualidade ou fugir desses paradigmas era imaginável.

Elza tomou uma postura de poder e força, contrariando o modelo patriarcal – o garoto é viril, forte e valente, enquanto a garota é frágil, passiva e delicada. O sexo é um grande tema utilizado nas composições de músicas populares, em geral interpretados por homens, como uma forma de aumentar o consumo da mesma através da identificação entre os mesmos grupos sociais. Essa estratégia objetificou ainda mais a imagem feminina.

Maria da Vila Matilde é um retrato das diversas Marias que sofrem com relacionamentos abusivos e enfrentam esses desafios diariamente. O tema pode contribuir para um estudo das questões sociais pautadas através dos produtos de massa, no caso, música, levantando uma reflexão na mudança do discurso feminino e do consumo desse objeto. Elzinha, como é carinhosamente chamada por seus fãs, não se intimida pelo seu estado de saúde, sempre envolvida em novos trabalhos, trouxe um álbum com canções críticas e ácidas, mostrando que não há uma idade certa para falar sobre sexo, violência e machismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOUZEIRO, José. **Elza Soares: Cantando Para não Enlouquecer**. 1. ed. – Editora Globo. 1997.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção polêmica).

NAPOLITANO, Marcos. História & Música – História Cultural da Música Popular – Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (Coleção História &... Reflexões, 2).

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo – Coleção Primeiros Passos – Braziliense, 1982.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (2005). **Laços perigosos entre machismo e violência**. Revista Ciência & Saúde Coletiva, 10(1):23-26. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a03cv10n1>. Acessado em: 12/04/2017 às 01:09.

DESOUZA, Eros; Baldwin, John R.; ROSA, Francisco Heitor da. **A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2000, 13(3), p.485-496. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v13n3/v13n3a16.pdf>. Acesso em 12/04/2017 às 01:18.